

Editorial

Larissa Alves de Lira, Breno Viotto Pedrosa e David Palacios



Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/terra-brasilis/634>

DOI: [10.4000/terra-brasilis.634](https://doi.org/10.4000/terra-brasilis.634)

ISSN: 2316-7793

Editora

Rede Brasileira de História da Geografia e Geografia Histórica

Referência eletrónica

Larissa Alves de Lira, Breno Viotto Pedrosa e David Palacios, «Editorial», *Terra Brasilis* [Online], 2 | 2013, posto online no dia 21 junho 2013, consultado o 05 dezembro 2022. URL: <http://journals.openedition.org/terra-brasilis/634> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/terra-brasilis.634>

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2022.

All rights reserved

Editorial

Larissa Alves de Lira, Breno Viotto Pedrosa e David Palacios

- 1 A história da geografia e do pensamento geográfico tem conhecido um novo impulso nas últimas três décadas. Sem que ela se apresente como uma nova fonte de interesse por parte dos geógrafos – que sempre foram atentos para evolução da disciplina como forma de aprimorar seus próprios métodos e como procedimento didático de inserção de neófitos à sua vinculação identitária – parece ter havido, nesses últimos anos, não apenas uma mudança quantitativa no que tange à produção de trabalhos, com novas teses e livros, como uma mudança qualitativa, revelando novas abordagens. O que é marcante nesta nova historiografia é o seu estilo paradoxalmente positivo (numa época de questionamento das ferramentas modernas), com especificidade metodológica e focalização ampla do objeto da história, recorrendo a atores, ideias, comunicações, públicos, práticas e instituições – um verdadeiro alargamento do que se pode considerar como campo da história da geografia.
- 2 O segundo número da revista *Terra Brasilis, nova série*, vem ao público com o objetivo de atender a uma demanda muito recorrente entre os pesquisadores em história da geografia ou do pensamento geográfico: o debate sobre o método desta área de pesquisa. Esta necessidade parte de uma compreensão comum: a história não é apenas uma compilação e reorganização das fontes. Existem tanto procedimentos específicos e técnicos, há muito debatidos, como diferentes abordagens que revelam concepções de histórias, no plural. Seja se se privilegia a longa ou a curta duração, a história social ou econômica, uma concepção interna ou externalista da evolução da ciência, história das ideias ou das práticas, métodos mais orientadamente epistemológicos ou históricos – sem que um polo necessariamente exclua o outro – lidamos com visões de mundo e ideologias que estão presentes em qualquer interpretação dos fatos históricos, levadas à cabo por historiadores da ciência e de suas disciplinas. Este número é contido a este tipo de reflexão.
- 3 O fato é que a preocupação metodológica dos novos e antigos historiadores é também um exercício crítico e parece querer revelar que tal especificidade reflexiva ajudaria a melhor descortinar novas possibilidades teóricas para a compreensão por parte dos geógrafos das realidades estudadas. Portanto, novas abordagens metodológicas seriam

capazes, por outra via, de revelar diferentes geografias do passado, cuja pluralidade das narrativas só vêm enriquecer um campo que, ao tempo que amplia suas fronteiras, defende-se da mesma forma de inflexões fragmentárias e alienantes.

- 4 Foi com esse objetivo que os organizadores do número convidaram os professores e abriram o edital para as contribuições do público. Há, evidentemente, variáveis focalizações sobre o método em diferentes estilos. Alguns artigos privilegiam uma discussão notadamente teórica, enquanto outros oferecem uma discussão em que o empírico ilustra ricamente o caminho feito pelos veteranos da história do pensamento geográfico.
- 5 No estilo de um viés essencialmente teórico estão os textos de Paul Claval, Bruno Latour, Paloma Puente Lozano, Mariana Lamego e Paulo Godoy. Assim, na seção de artigos, abrimos o número com o artigo de Paul Claval *Como construir a história da geografia?*. Neste texto, o autor nos apresenta um estado da arte dos métodos empregados nas histórias da geografia, fazendo, também ele, um recuo histórico. Não prescinde, ademais, de traçar um quadro da sua própria concepção sobre o que é o objeto da própria geografia e de algumas correntes filosóficas que influenciaram os geógrafos-historiadores, como é o caso das contribuições de Michel Foucault e Bruno Latour. Destarte, contamos também com a tradução ao português do artigo de Bruno Latour, Valérie November e Eduardo Camacho-Hübner intitulado *Entrando em território arriscado: o espaço na era da navegação digital* (publicado originalmente em 2010 na revista *Environment and Planning D*), que, para o deleite comum, invade o nosso território ao abordar categorias como espaço e temas como o da cartografia em conjunto a alguns elementos de um pensamento notoriamente profícuo. Introduz no Brasil, dessa maneira, a discussão contemporânea relacionada à virada relacional e à teoria pós-representacional. Um exemplo da importância da discussão filosófica para o campo da história da geografia.
- 6 Até então em solo francês, Paulo Godoy traz à luz, em seu artigo denominado *A Geografia Histórica e as formas de apreensão do tempo* o debate sobre a concepção de tempo na geografia histórica, tendo em vista as historiografias francesas de meados do século XX. Ele manifesta como a longa duração foi responsável pela inovação das abordagens acerca da geografia histórica e como a sinergia entre geografia e história fomentou o enriquecimento de ambas as disciplinas. Tempo e espaço se acoplam na análise da escola dos *Annales* rompendo com um antigo aporte memorialista e ofertando uma perspectiva estrutural dos acontecimentos.
- 7 Ainda diversamente da abordagem marcadamente empírica, Paloma Puente Lozano, de Barcelona, nos propõe em *Los desplazamientos críticos de la historia de la geografía* um balanço das inovações da metodologia da história do pensamento geográfico a partir das perspectivas anglosaxãs. Atravessamos o canal da Mancha. Ela demonstra como a obra *Geographical Traditions*, de David Livingstone, é um ponto de bifurcação e ruptura dentro do campo da história da geografia. Reafirmando a necessidade e o diálogo entre geografia histórica e história da geografia, Livingstone e seu viés contextualista inspiram muitos trabalhos e discussões acerca da ideia de tradição (compreendendo aí seu desenvolvimento histórico) e de discurso. Inspirados por essas ideias, alguns autores analisaram a história da disciplina por um viés historicista e filosófico, enquanto outros se focaram na espacialidade das ideias.
- 8 Dialogando com o balanço de Lozano, Mariana Lamego em *Dos propósitos e modos de se escrever histórias. Considerações sobre um velho debate* também enfoca o legado deixado por

Livingstone mas de uma maneira mais pontual: ela analisa os desdobramentos do debate sobre a idéia de tradição geográfica a partir do cinco artigos seminais publicados no *Transactions of The Institute of British Geographers*. Surgem, assim, autores como David Matless e sua apropriação da genealogia do saber de Michel Foucault, enfocando tanto a análise documental quanto a narrativa; Felix Driver busca uma tradição geográfica mais abrangente, heterogênea e pluralista; Gilian Rose, uma das principais pensadoras do feminismo, destaca a invisibilidade das mulheres na história e na composição da tradição geográfica; por fim, Clives Barnett, que, através de uma problematização mais polêmica, evidencia como os temas da história da geografia seriam inócuos, questionando a importância do entendimento do passado para a compreensão do presente. Ao final, David Livingstone ressurge para afirmar a concatenação entre texto e contexto nos estudos em história do pensamento geográfico. Esses são os autores analisados por Mariana Lamego.

- 9 Quanto ao estilo predominantemente empírico, são notadamente os casos dos textos de Marie-Claire Robic, Federico Ferretti, Olga Okuneva, Sidney Gonçalves Vieira e Orlando Ribeiro.
- 10 Em *O fundo Reclus-Perron e a controvérsia franco-brasileira de 1900*, de Federico Ferretti, o autor nos apresenta a interessante descoberta da importância que tiveram os geógrafos anarquistas na arbitragem do conflito entre o Brasil e a França pela “correta” demarcação da fronteira da Guayana. Somado a este último está o texto de Olga Okuneva, *Ensaio sobre o mapa «Brasil» de G. Gastaldi inserido em Delle navigationi e viaggi de G. B. Ramusio (1556; 1565; 1606)*, que descreve o mapa do Brasil de Gastaldi cujas 3 versões ilustram um relato de viagem e mostram os conflitos entre a França e Portugal pelo direito de comercializar com os indígenas. Ambos estão publicados na seção de *Documentos, mapas e imagens*. A primazia dos contatos com os arquivos vêm reforçar o elemento mais fundamental do método histórico aplicado ao campo da história da geografia: análise criteriosa dos documentos.
- 11 Ainda no que tange ao estilo metodológico elaborado a partir de análises empíricas está o artigo de Marie-Claire Robic, *Os geógrafos e os saberes geográficos nos congressos internacionais: espacialidades e geografismos*, uma das responsáveis do Laboratório de Epistemologia e História da Geografia (EHGO) da Universidade Paris 1 (Panthéon Sorbonne), onde podemos verificar a instrumentalização da ideia de rede e de co-produção para contemplar a elaboração dos conhecimentos mundiais, mas especialmente franceses, sobre a multiplicidade do mundo tropical. Nesse sentido, Robic está buscando as relações entre as dimensões nacionais e internacionais, debruçando-se sobre a dinâmica da União geográfica internacional e perpassando vários contextos de diferentes realidades da política mundial.
- 12 Similarmente, a contribuição de Sidney Gonçalves Vieira, *As cidades do Prata: apontamentos para análise da Formação Territorial e Urbana do Extremo Sul do Brasil*, é um equilíbrio entre a discussão de novos métodos e uma análise empírica sobre a formação das cidades do Prata, da região Sul do Brasil trazendo ao tema da revista, portanto, a discussão das metodologias na geografia histórica. Ao observar a formação das cidades enquadradas pelo mesmo complexo hidrológico, no período de 1680 a 1828, o autor questiona tanto as abordagens geográficas cuja escala de análise restrinjam-se ao espaço nacional, apontando a importância da análise geohistórica na conformação de regiões e territórios antigos, quanto as historiografias da história econômica.

- 13 No cruzamento entre os antigos e os novos métodos no campo da geografia histórica, uma vantajosa base de comparação pode vir da leitura do texto de Orlando Ribeiro, *O sítio e o crescimento de Lisboa*, que separamos para a seção de *Clássicos e Textos de Referência*. As perspectivas que oferecem o contraponto entre estilos antigos e contemporâneos manifestam que a história da geografia tem uma evolução complexa e que em nada pode ser reduzida a uma concepção teleológica de ciência. Aspectos do método do geógrafo português cuja formação primeva se deu no interior da escola francesa, dá vulto ao retorno de aspectos do método da geohistória, apresentadas nas clássicas formulações sobre a localização e evolução histórica da cidade de Lisboa, os aspectos físicos que contribuiriam para a explicação dos fenômenos urbanos bem como sua inserção no espaço mediterrâneo, regional e, similarmente, transnacional.
- 14 A revista conta ainda com a notícia do professor Manoel Fernandes de Sousa Neto que nos narra, de lá de trás do Tejo, as vicissitudes do VI Colóquio de História do Pensamento Geográfico realizado em Miraflores de la Sierra, Madri, entre 15 a 18 de novembro de 2012.
- 15 Os textos e autores aqui apresentados reúnem as mais importantes discussões históricas e contemporâneas acerca dos métodos em história da geografia. Seja em incursões verticalizadas ou panorâmicas, o fato é que tal compilação atende a demandas especialistas e didáticas. Surgem dois principais polos originários de discussão acerca dessa temática: França e Reino Unido. Contudo, o debate é vastamente internacionalizado. Não apenas os pesquisadores brasileiros os dominam com maestria e conhecem a aplicação universal dessa gama de conceitos, como estão em condições de propor abordagens que atendam às particularidades da realidade brasileira. O número 2 da revista *Terra Brasilis* é o exemplo do pioneirismo do ressurgimento do debate metodológico em história da geografia no seio da geografia brasileira.
-

AUTORES

LARISSA ALVES DE LIRA

(DG/USP)

BRENO VIOTTO PEDROSA

(DG/USP)

DAVID PALACIOS

(DG/USP)